

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA E DISPARIDADE DE GÊNERO NA GESTÃO EDITORIAL: estudo preliminar com revistas científicas de Alagoas¹

Ellen Cristina da Silva²; Lorena Tavares de Paula³, Laysa Lorena Alves de Araújo⁴, Jusmenne Jasão Melo da Silva⁵, Ronaldo Ferreira de Araújo⁶

¹ GT 8 - Estudos Críticos sobre identidade, gênero e raça

² Mestranda PPGCI/UFAL, ellen.cris13@gmail.com.

³ UFMG, lorena.ltp@gmail.com.

⁴ Mestranda PPGI/UFAL, laysalorena22@gmail.com.

⁵ FAPEAL/UFAL, jusmenne.silva@ichca.ufal.br.

⁶ PPGCI/UFAL, ronaldfa@gmail.com.

RESUMO

A superação das desigualdades de gênero na ciência constitui um desafio estrutural. No Brasil, embora mulheres representem quase metade da comunidade de pesquisadores, sua presença em posições de poder e reconhecimento ainda reflete disparidades. A literatura documenta lacunas persistentes em ascensão de estratos na carreira, autoria em periódicos, acesso a financiamento e ocupação de cargos de liderança (Candido; Feres; Campos, 2019; Burstin; Arora, 2021; Jordão et al., 2022). Este cenário se repete na comunicação científica, com participação feminina desproporcional nas estruturas editoriais. Analisa-se essa dinâmica por dois conceitos fundamentais: a segregação horizontal, que concentra as mulheres em áreas do conhecimento consideradas “femininas”; e segregação vertical, que diz respeito a barreiras invisíveis que impedem sua progressão de carreira (Olinto, 2011; Jordão et al., 2022). Veloso (2017) cunha o conceito de “patriarcado de mídia” para mostrar que a desigualdade de gênero em organizações de comunicação não se resume à disparidade numérica, mas constitui um sistema de dominação reproduzido mesmo em contextos institucionais igualitários. Bastos, Bolaño e Souza (2021) complementam essa perspectiva ao argumentar que mudanças quantitativas na ocupação de postos por mulheres, embora relevantes, não alteram por si só o quadro estrutural de assimetria.

Diante disso, este estudo investigou a composição por gênero das equipes editoriais de periódicos científicos da Universidade Federal de Alagoas, com o objetivo de mapear padrões de distribuição por função e área do conhecimento. A pesquisa, de abordagem quantitativa e caráter documental, abrange 26 periódicos e catalogou 633 integrantes, com gênero inferido a partir do nome e confirmado em fontes públicas. Os resultados revelam um cenário de aparente paridade, com uma distribuição geral quase equilibrada entre os gêneros (50,1% F, 49,9% M). Desagregando os dados por função e área do conhecimento, emergem padrões estruturais de desigualdade que confirmam a atuação conjunta das segregações vertical e horizontal. A segregação vertical manifesta-se na hierarquia editorial, embora o cargo de Editor-Chefe apresente paridade, as demais posições de liderança são predominantemente masculinas: 75% dos Editores Gerais/Responsáveis, 61,5% dos Editores Associados/Adjuntos e mais de 60% dos membros dos conselhos editorial, científico e internacional são homens. Em contraste, funções operacionais e de suporte

técnico-administrativo, como secretária, revisores e mídias sociais são majoritariamente ocupadas por mulheres. Na segregação horizontal, as Ciências Exatas e da Terra, apenas 17,6% de participação feminina. Nas Ciências Humanas, campo tradicionalmente associado à equidade, observa-se desvantagem feminina, com 45,6%. Já nas Ciências da Saúde, a participação feminina é de 60,7%. Áreas como Linguística, Letras e Artes (51,8%), Ciências Sociais Aplicadas (53,6%), Multidisciplinar (55,3%) e Ciências Agrárias (50%) apresentam participações equilibradas ou com ligeira maioria feminina. Conclui-se que a paridade numérica geral mascara desigualdades que se manifestam na segregação vertical e na segregação horizontal. A sub-representação feminina em cargos de liderança e prestígio pode perpetuar vieses na avaliação do mérito científico. De forma igualmente crítica, a baixa presença em áreas como as Ciências Exatas e da Terra não é um reflexo neutro, mas ecoa e reforça estereótipos de gênero arraigados que precedem e permeiam a vida acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, M. D.; BOLAÑO, C. R. S.; SOUZA, R. M. Marxismo, feminismo e comunicação. In: 44^o CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2021, Virtual. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2021. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2021>. Acesso em: 18 mar. 2026.

BURSTIN, H. R.; ARORA, V. M. Gender disparities in journal citations—another metric of inequity in academia. **JAMA Network Open**, Illinois, v. 4, n. 7, e2114787, 2021. DOI: 10.1001/jamanetworkopen.2021.14787. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamanetworkopen/fullarticle/2781619>. Acesso em: 16 jan. 2026.

CANDIDO, M. R.; FERES, J.; CAMPOS, L. A. Desigualdades na elite da Ciência Política brasileira. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 564-582, 2019. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2019.3.33488>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/bKKpMnKMWNpP73xcs6X4Mrz/?lang=pt>. Acesso em: 16 jan. 2026.

JORDÃO, C.; CARVALHO, T.; DIOGO, S.; BREDÁ, Z.. Fatores facilitadores da promoção da equidade de gênero nos cargos de decisão intermédia nas universidades em Portugal: a experiência do Projeto CHANGE. **Ex aequo**, Lisboa, n. 45, p. 135-154, jun. 2022. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2022.45.10>. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-55602022000100135&lng=pt&nrm=is. Acesso em: 16 jan. 2026.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v. 5, n. 1, 2011. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667>. Acesso em: 05 mai. 2025.

VELOSO, A. M. C. Um breve mapa das desigualdades de gênero nos meios de comunicação. In: 40º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2017, Curitiba. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2449-1.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2026.